

**INFLUÊNCIA DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM INFANTIL NO ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Albanira Tibiriça¹

Andressa Campos de Castro¹

Marielly Rodrigues Mandira²

RESUMO

O presente estudo tem por entender qual a influência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no processo de aprendizagem infantil no ensino fundamental I. O delineamento escolhido para essa pesquisa é de natureza teórica, no qual foi realizado o levantamento de materiais publicados e disponíveis em diversas plataformas digitais como Portal Scielo, Google Acadêmico, e na biblioteca virtual da universidade. A busca foi realizada nos anos de 2022 e 2023, e dentre os diversos materiais encontrados, foi dado como fator de importância os temas que abordassem o processo de ensino aprendizagem das crianças em espaços educacionais. Dessa forma, o presente estudo apresenta o histórico e a definição do TDAH, como as famílias de crianças com esse transtorno recebem o diagnóstico e como lidam com processo de ensino aprendizagem, e a relação entre a escola e os alunos com tal transtorno do neurodesenvolvimento. Para isso, foi apresentado todas as colocações referentes aos conceitos que englobam as definições que constituem a aprendizagem das crianças, o papel de importância que a família exerce, juntamente com o educador no processo de ensino aprendizagem. Por fim, o texto traz a percepção que os alunos com TDAH têm sobre o clima escolar, quais são as práticas pedagógicas que a escola pode oferecer para alcançar um melhor desempenho acadêmico desses alunos, bem como outras práticas no ambiente escolar que possam servir de fator de proteção para o desenvolvimento de crianças com TDAH. Portanto, a confecção do presente estudo possibilitou a ampliação do conhecimento sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, não apenas sua definição e seu histórico Brasil, mas como a família e a escola podem lidar para atenuar os fatores de risco e oferecer fatores de proteção ao desenvolvimento de crianças que apresentam esse transtorno do neurodesenvolvimento.

Palavras-Chaves: TDAH. Aprendizagem. Desenvolvimento. Educação.

¹ Pedagogas formadas pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná.

² Professora do curso de Pedagogia do Instituto Superior do Litoral do Paraná.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo possui por tema a influência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no processo de aprendizagem infantil. O interesse acerca da temática apresentada surgiu após as pesquisadoras terem realizado o processo de estágio no ensino fundamental e observarem que os alunos com TDAH apresentavam um percentual de defasagem na aprendizagem em relação aos alunos que não apresentam TDAH. Além do processo de estágio, o interesse foi reforçado também pelo fato de uma das pesquisadoras ter um filho que foi diagnosticado com este transtorno do neurodesenvolvimento.

Desse modo, foi elaborada a seguinte pergunta de pesquisa: “Qual a influência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no processo de aprendizagem infantil no ensino fundamental I?”.

Durante muito tempo, os problemas de aprendizagem nas crianças foram chamados de preguiça, falta de educação, falta de interesse e outros motivos depreciativos. Houve também um tempo em que as dificuldades de aprendizagem eram atribuídas a problemas familiares e sociais. No entanto, com o avanço das pesquisas, descobriu-se que tais situações estão relacionados a diversos fatores ambientais como as relações familiares e o clima escolar, e fatores biológicos, como os transtornos do neurodesenvolvimento.

Compreendendo que diversas crianças apresentam esse transtorno, e que em decorrência disso elas também apresentam dificuldades relacionadas às questões de aprendizagem, torna-se imprescindível que profissionais da educação, gestores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas busquem entender como esse fenômeno se manifesta no ambiente escolar, quais são os fatores de risco e proteção para o desenvolvimento de crianças com TDAH e como a escola pode proporcionar um ambiente saudável de aprendizagem.

Em 2019, o governador Carlos Massa Ratinho Junior aprovou a Lei nº 20.019, que institui o dia 19 de setembro como Dia e Semana Nacional do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A proposta partiu do deputado federal Luiz Carlos Martins e é um alerta à sociedade e aos órgãos governamentais de saúde sobre as consequências das causas genéticas dos distúrbios neurobiológicos na infância, que é um dos principais motivos do baixo desempenho escolar dos alunos (KISSNER, 2019).

A não identificação do TDAH nas crianças faz com que a hostilidade, a hiperatividade e a falta de atenção, regularmente sejam confundidos com um mau comportamento, com a resistência a obedecer às regras de autoridades, e com ansiedade perante determinadas situações (MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Dessa forma, crianças com TDAH acabam recebendo constantemente comentários sobre como são diferentes, indisciplinadas e descuidadas, e esses comentários geralmente vêm dos próprios professores, o que cria uma autoimagem negativa nas crianças, levando à baixa autoestima (de JOU et al, 2010). Como consequência, há uma maior taxa de evasão escolar, baixo rendimento acadêmico e diversos problemas no âmbito emocional e social (MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Portanto, considerando a relevância do assunto para a sociedade e para os meios acadêmicos, o objetivo desse estudo foi entender a influência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no processo de aprendizagem infantil no ensino fundamental I.

Para alcançar esse objetivo, as pesquisadoras optaram por realizar um estudo de natureza teórica, construída por meio de diversas pesquisas nas plataformas digitais como SCIELO, Google Acadêmico, e na Biblioteca Virtual do Instituto Superior do Litoral Paranaense (ISULPAR), utilizando-se dos seguintes critérios de busca, utilizou-se as seguintes palavras chaves TDAH, Aprendizagem, Desenvolvimento e Educação.

O estudo foi dividido em quatro capítulos, dos quais o primeiro consiste na Introdução do tema, os objetivos e o método de pesquisa. O segundo capítulo traz o Histórico e Definição do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. O terceiro capítulo apresenta o processo de diagnóstico do TDAH, como é a participação da família e da escola e o processo de ensino aprendizagem, inclusive com a apresentação de planos de ensino específicos para os alunos com esse transtorno. O quinto e último capítulo encerra este trabalho com as Considerações Finais, considerando o alcance dos objetivos desse estudo, seus principais resultados, suas limitações e suas contribuições para a sociedade e para a academia.

2. HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DO TRANSTORNO DE DÉFICT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e seus diversos desdobramentos, sejam eles educacionais ou até mesmo científicos, vem atravessando controvérsias no decorrer do tempo (FERREIRA, & MOSCHETA, 2019).

Os primeiros relatos que envolvem o que conhecemos hoje como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, tiveram suas origens na literatura infantil alemã, com data da metade do século XIX, em livros que só vieram a ser publicados no Brasil mais precisamente no ano de 1950. No contexto desses livros havia a descrição de que crianças que eram consideradas levadas possuíam certa dificuldade em seguir regras que eram impostas pelos pais (CALIMAN, 2010).

Há conceituações patológicas que abordam os termos do que hoje é conhecido como TDAH. Em 2002, Rafalovich (2002) descreveu que se depararam com diversos casos em instituições psiquiátricas que não fechavam nenhum diagnóstico conhecido. Apesar disso, eles apresentavam similaridades quanto ao tipo de início do quadro e sintomatologia que os forçou a agrupá-los em uma nova categoria diagnóstica. As crianças investigadas pareciam ter perdido a inibição, tornaram-se inoportunas, impertinentes e desrespeitosas, todavia eram cheias de espertezas e muito falantes.

De acordo com Cypel (2007), não se sabe com exatidão quando a literatura passou a caracterizar de maneira precisa todas as manifestações que envolvem a hiperatividade juntamente com a desatenção, onde podem ser compreendidas como condições específicas do ser humano.

Durante anos, o TDAH foi pensado como algo que não prejudicava muito o desenvolvimento do indivíduo, porém de acordo com De Souza (2007), esse achado é errôneo, pois a maioria das crianças que apresentavam sinais desse transtorno foram atendidos por pessoas que não foram treinadas para tratá-los, não houve exigência de mão de obra para tal diagnose e tratamento.

O TDAH é reconhecido na área médica desde o início do século XX, mas foi somente a partir de 1970 que ganhou destaque nos diagnósticos, principalmente na América do Norte. Em 1992, o transtorno foi legalmente reconhecido pela Organização Mundial da Saúde por meio da Classificação Médica Internacional (LEGNANI, & ALMEIDA, 2008).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental (2014), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é considerado um transtorno do

neurodesenvolvimento e se caracteriza como uma falta de atenção constante e/ou uma hiperatividade-impulsiva e pode ser de três tipos: com predomínio do sintoma de desatenção, com predomínio do sintoma de hiperatividade, ou combinado, onde ambas as características citadas anteriormente estão presentes.

Porém, para alguém receber o diagnóstico de TDAH, as características descritas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) necessitam participar de mais de um âmbito da vida do indivíduo e devem influenciar o ambiente social, familiar ou profissional da pessoa (LIMA et al., 2019; OLIVEIRA et al., 2019).

O TDAH é um transtorno neurobiológico com grande participação genética (isto é, existem chances maiores de ele ser herdado), que tem início na infância e que pode persistir na vida adulta, comprometendo o funcionamento da pessoa em vários setores de sua vida, e se caracteriza por três grupos de alterações: hiperatividade, impulsividade e desatenção (ABDA, 2022).

Segundo Galvão e Abuchaim (2009), a principal causa do TDAH é genética, mas fatores ambientais, como fumar durante a gravidez e outros fatores externos relacionados a problemas familiares, também estão relacionados à predisposição para desenvolver sintomas de TDAH. Esses sintomas tornam-se mais perceptíveis quando a criança é exposta a situações que exigem concentração e desempenho, por exemplo, durante a escola.

Esse transtorno resulta de um déficit no controle inibitório que acaba afetando a memória de trabalho, a autorregulação do afeto-motivação-excitação, a internalização da fala e a reconstituição/controlar motor fluência-sintaxe, as quais compõem as quatro funções executivas do ser humano. Isso desencadeia um comportamento demasiadamente influenciado pelo contexto imediato, o que leva as pessoas com TDAH a serem consideradas impulsivas (BARKLEY, 1997; MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Torna-se compreensível que o TDAH não possui uma denominação de causa única, mas sim de uma série de fatores genéticos que se fazem presentes com mais frequência (MSD, 2022). Todavia, nota-se que as exposições em ações que envolvam o psicológico de modo estressante, podendo ser as perturbações familiares, gatilhos de ansiedade, acabam por se tornar fatores de desencadeamento ou até mesmo de mantenedores dos diversos sintomas que acometem o indivíduo portador de TDAH (GALVÃO, & ABUCHAM, 2009).

Em seus apontamentos Viana (2013) faz menção acerca dos fatores que fazem distinção das crianças que possuem o TDAH para aquelas que não possuem os sinais que podem distinguir uma criança com TDAH de uma criança sem TDAH incluem a intensidade, a frequência e a persistência dessas três características principais.

Portanto, apesar de não se saber especificamente a sua origem, o que os cientistas apontam é que esse transtorno é o resultado as interações de fatores genéticos e ambientais (MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Os sintomas de TDAH começam na infância e seu diagnóstico pode ser realizado até a idade adulta. Normalmente, os primeiros sintomas aparecem assim que a criança entra no ambiente escolar, onde será necessária uma concentração maior do que ela é capaz. Os sintomas mais comuns são desatenção, esquecimento, impaciência, resistência em obedecer às regras, inquietação. Em decorrência do início precoce do referido transtorno, existe as limitações que de modo posterior prejudicam o desenvolvimento do indivíduo e tornam-se difíceis de serem superadas (FREITAS et al., 2010).

Ao compreender que se trata de um transtorno que se manifesta cronicamente no decorrer dos primeiros anos de vida do indivíduo, acarretando que o mesmo não se concentre, o TDAH traz consigo diversas consequências para a criança, podendo afetar sua autoestima e até mesmo fazendo com que sintam incompetentes, por outro lado, a impulsividade se manifesta na impaciência, ou seja, a criança não suporta esperar, exige imediatamente que seu desejo seja realizado. Quando tais desejados não são satisfeitos, ela começa a discutir, xingar e insultar as pessoas mais próximas (CYPEL, 2007).

Pais e professores de crianças com TDAH podem ajudar no processo de diagnóstico, pois são capazes de perceber alguns padrões de comportamento que diferem dos comportamentos esperados e considerados normais, tais como problemas de comportamento e de habilidades sociais (MAIA, & CONFORTIN, 2015; ABRAHÃO, & ELIAS, 2021).

De acordo com Cypel (2007), comportamento inquieto cria uma erosão do relacionamento entre a criança e os pais, irmãos, amigos, professores e outras pessoas. Como resultado, essas crianças são muitas vezes rejeitadas e excluídas de brincadeiras e de possíveis convites para reuniões sociais, outra característica é não respeitar o momento e os sentimentos do outro, intrometendo-se inadequadamente nas conversas como se não pudesse esperar (CYPEL, 2007).

A desatenção faz com que a criança fique inquieta, perca a concentração na aula, o que o professor está dizendo e fazendo, e não se desenvolve tão normalmente quanto outras crianças. Os alunos com TDAH apresentam comportamentos inadequados ao contexto o que se refletem nos níveis escolares, se apresentando distantes, impulsivos e com baixo nível de engajamento escolar, especialmente em escolas com regras rígidas a serem seguidas, de modo que qualquer coisa pode distraí-los, o que o professor diz na aula não consegue chamar sua atenção, e isso pode prejudicar seu desenvolvimento e aprendizado (IPDA, 2014; Mandira, 2021).

A hostilidade, a hiperatividade e a falta de atenção, regularmente são confundidos com um mau comportamento, resistência a obedecer às regras de autoridades, e ansiedade perante determinadas situações (MAIA, & CONFORTIN, 2015). É preciso estar atento ao fato de que no momento em que a raiva e a agressividade deixam de ser reprimidas, muitas vezes ela aparece de forma explosiva e violenta, o que também pode ser percebido na adolescência ou mesmo na idade adulta (BOSSA, 2002).

Essas crianças têm dificuldade de ficar sentadas quietas durante o horário de aula ou realizar tarefas, não conseguem concluir as atividades, falam demais, implicam e provocam colegas e professores, prejudicam sua organização e disciplina de aula. Quando sentados, movem constantemente as pernas, balançando as mesas, incomodando os colegas próximos (LIMA, 2005).

Quando expostas e argumentadas, as crianças hiperativas costumam responder imediatamente de acordo com suas necessidades. Por isso, diante dessas dificuldades, a professora prefere lidar com crianças passivas, calmas, que não demonstram insatisfação e agressividade em determinadas situações (BOSSA, 2002).

As dificuldades de aprendizagem consistem nas características do próprio transtorno, como dificuldade de concentração e manutenção da atenção, além de fácil distração durante o aprendizado para outros pontos indesejados.

Os alunos com TDAH exigem mais habilidades dos professores que tendem a entrar em conflito com esses alunos devido ao comportamento inadequado decorrente do transtorno, como distrair outros alunos na aula, inquietação e dificuldades de aprendizagem que não terminam bem, resultando em crianças inquietas em sala de aula e muitas vezes rotuladas de rebeldes e desobedientes (SANTOS et al., 2013).

Portanto, como o TDAH afeta a concentração e o raciocínio, dificultando que a criança mantenha o mesmo ritmo nos conteúdos em relação aos seus colegas, acaba acarretando uma alta taxa de baixo rendimento acadêmico e evasão escolar, e como consequência, diversos problemas no âmbito emocional e social (MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Em contrapartida, em outras situações as crianças com TDAH podem ser sociáveis e agradáveis, criando e recomendando jogos emocionantes que exigem grande movimento (CYPEL, 2007).

A agitação e a desatenção são fenômenos complexos e multifatoriais, influenciados pelo meio social e cultural que interagem juntamente com os aspectos biológicos. Ao considerar essa multiplicidade de fatores, é possível ver a criança de forma mais ampla e trazer um debate que expandam as possibilidades de planejamento e atuação educacional e social (SILVA, & BATISTA).

Seria justo, portanto, dizer que o TDAH está associado a um conjunto de sintomas comportamentais associados à impulsividade, agitação e falta de concentração do sujeito. A razão para o diagnóstico desse transtorno é na idade escolar, quando o nível de atenção do aluno é mais necessário na escola (RICHTER, 2012).

3. TDAH E EDUCAÇÃO: DO DIAGNÓSTICO AO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Segundo Silva (2014), o TDAH se manifesta no indivíduo na infância e se caracteriza por desatenção, impulsividade e hiperatividade, tanto física quanto mental, embora esse transtorno permaneça principalmente na idade adulta em ambos os sexos.

De Souza (2007) destaca que a presença de TDAH ou mesmo a presença de ambos os diagnósticos em condições comórbidas são importantes fatores de risco para baixo desempenho escolar. O déficit de atenção ou até mesmo apenas a hiperatividade pode ser entendida como a incapacidade de desenvolver habilidades específicas apropriadas para a idade e a escolaridade sem déficits sensoriais, doença neurológica ou déficit intelectual global significativo. Ainda hoje, as dificuldades acadêmicas em pacientes com tais transtornos são

muitas vezes mal compreendidos e entendidos apenas como reflexo de falta de motivação e/ou baixo engajamento, se essas condições primárias forem negligenciadas para serem devidamente investigadas.

Outro ponto importante, é a estrutura do sistema educacional brasileiro, que prioriza apenas o cognitivo nos processos de ensino-aprendizagem. Esse sempre foi o objetivo de todos os alunos e “o referencial é o aluno mediano”. fazer o mesmo e ao mesmo tempo (BLANCO, 1993).

As pesquisas de Mandira (2021) e Melo (2011) corroboram os autores supramencionados, ao apontarem os fatores de risco ao desenvolvimento de crianças, como o TDAH, quando tais pessoas não recebem o tratamento adequado, prejudicam a sua aprendizagem com consequências que perdurarão até a idade adulta, dificultando principalmente a interação e a socialização, a concentração e a leitura, e acarretando baixo desempenho acadêmico em todos os níveis de ensino.

Quando as crianças com TDAH não conseguem aprender de maneira como as demais crianças, com isso o papel do professor nesse contexto é fornecer um ambiente rico de estratégias e com muita dedicação, para que esses itens a aprendizagem ocorram de maneira que atenda às necessidades dos mesmos (FREITAS et al., 2010).

A educação inclusiva deve ter como meta atingir a sociedade de modo integral, constituindo assim um novo movimento político, social e educacional que juntos preconizam o direito de todo e qualquer ser humano (NUNES e MADUREIRA, 2015).

O papel da escola e das práticas inclusivas têm se mostrado primordial, para ampliar e fortalecer as relações existentes entre a escola, a família e a criança tendo como necessidade de fortalecer esses vínculos. Do ponto de vista do cuidado, desenvolvimento e socialização de uma criança hiperativa, é importante o todo entre escola, família e criança. Isso também diz respeito ao sucesso dessa criança na vida escolar, pois essas crianças apresentam limitações em relação ao aprendizado na presença de apoio familiar e escolar (CAVALCANTE, 1998).

Diante disso, é preciso primeiro garantir a compreensão e o conhecimento dos professores que atuam no primeiro período das aulas primárias, pois é justamente nessa idade que os pesquisadores conseguem perceber quando os sintomas começam a aparecer já na fase escolar (GOLDSTEIN, &GOLDSTEIN,1994)

Em muitos casos os educadores não conseguem lidar com os comportamentos das crianças com TDAH e cometem o erro de pré julgá-las como desobedientes e proferirem diversos adjetivos desagradáveis para caracterizar essa criança. Tais atitudes resultam em um prejuízo na aprendizagem infantil, já que nenhum outro método de ensino é utilizado pelo professor, cuja visão indica o aluno como problema (ABRAHÃO, & ELIAS, 2021; MAIS, & CONFORTIN, 2015).

Reconhecer o TDAH ajuda o professor a lidar com ele e ajuda o aluno sem prejudicar outras crianças com estratégias que promovam o bom desempenho escolar, já que crianças que não possuem um bom recurso acabam se frustrando e têm uma autoavaliação de inutilidade maior do que crianças que não possuem TDAH (ABRAHÃO, & ELIAS, 2021; CRAFT, 2004; MAIA, & CONFORTIN, 2015). A melhor maneira de trabalhar com um aluno com esse transtorno do neurodesenvolvimento é ensinar tendo em mente a premissa de que o aluno pode aprender (CRAFT, 2004).

O processo de diagnóstico começa pelos pais e professores que são responsáveis por passar um bom tempo com a criança e podem perceber alguns padrões de comportamento que diferem dos comportamentos esperados e considerados normais em crianças sem o transtorno. Para que esse diagnóstico seja confiável, a escola e os pais devem trabalhar em conjunto com o médico e uma equipe multiprofissional responsável pela avaliação do paciente. Essa equipe pode ser composta por psicólogos, psicopedagogos, neurologistas, terapeutas, educadores, entre diversas outras profissões que podem auxiliar na análise do caso (MAIA, & CONFORTIN, 2015; SILVA, & BATISTA,).

O diagnóstico final deve ser feito pelo psiquiatra e deve também levar em considerações as avaliações feitas pela equipe multidisciplinar que acompanhou o processo de diagnóstico (MAIA, & CONFORTIN, 2015).

No Brasil, o foco do diagnóstico é no indivíduo, com ênfase em planos terapêuticos medicamentosos, incluindo uma abordagem predominantemente biológica e um alto consumo de metilfenidato. Por outro lado, a literatura acerca do TDAH evidencia que se trata de um fenômeno predominantemente social e que envolve uma multiplicidade de fatores (SILVA, & BATISTA, 2020).

O TDAH irá influenciar no processo de aprendizagem do indivíduo, pois é na escola onde se inicia o desenvolvimento da leitura e da escrita, atividades que necessitam de atenção e dedicação por um período considerável de tempo (LIMA et al., 2019).

Os professores são responsáveis pelas primeiras observações onde verificam padrões acelerados de comportamento em comparação com outras crianças, assim como dificuldade em se concentrar em tarefas ou jogos e não prestar atenção no que está sendo dito; dificuldade em seguir regras e instruções, não terminar o que começou, confusão com tarefas e materiais, evitar atividades que exijam esforço mental, perder coisas importantes, distrair-se facilmente com coisas irrelevantes, esquecer compromissos e tarefas sugeridas (TOPCZEWSKI, 2011).

Como as crianças diagnosticadas com esse transtorno possuem hiperatividade e/ou desatenção, seu ritmo se torna mais acelerado e elas possuem uma maior dificuldade em se concentrar em atividades de longa duração que exigem foco (LIMA et al., 2019).

Os métodos de abordagem exercidos pela escola para atender as crianças com TDAH são fatores determinantes no desenvolvimento, já que será reflexo de suas condutas na aprendizagem, como abordagens que respeitam sempre os limites da criança, sem formas comparativas e apoiando seus esforços (SILVESTRE, 2015).

Ao escolher um ambiente de aula para uma criança com TDAH, o professor deve escolher um ambiente predominantemente tranquilo para que a inquietação dos alunos diminua. Em geral, o ambiente ideal deve ser organizado e permitir que o aluno se compreenda e se defina no espaço. Os alunos não são recomendados a sentar-se perto de portas ou janelas e nas últimas filas da sala de aula (PALMA, 2013).

De acordo com Barkley (2008), existem estudos que fazem apontamento sobre os ambientes considerados barulhentos e até mesmo desorganizados, onde são associados a uma menor capacidade de atenção, contribuindo para que os alunos tenham uma diminuição no processo de ensino aprendizagem, em certas situações a desorganização ou até mesmo o barulho interfere de maneira significativa nessas situações.

Esses estilos de atividades propostas pelo corpo docente podem despertar comportamentos impulsivos nas crianças com TDAH e aumentar o número de evasão escolar (LIMA et al., 2019).

As atividades devem ser mais estimulantes e interessantes para que haja uma melhor fixação do conteúdo por parte do aluno, proporcionando um crescimento cognitivo, emocional

e social para ele. Atividades práticas e dinâmicas ajudam no bom desenvolvimento dessas características, influenciando no aumento da autonomia e da compreensão acerca dos conteúdos ensinados (LIMA et al., 2019; MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Por exemplo, o educador pode usar dicas visuais ou verbais para avisar o aluno, por exemplo, de sua desatenção. É costume marcar, enfatizar e sublinhar comandos ou partes importantes a serem enfatizadas, para que o aluno não esqueça e seja mais específico sobre o que está sendo solicitado. O educador também deve incentivar o aluno por meio de devolutivas positivas, como quando um aluno alcança um bom resultado no aprendizado. Desse modo, os alunos com TDAH respondem melhor quando são avaliados (DSM-5, 2014).

O professor deve sempre estimular as crianças com TDAH com exercícios gráficos, jogos e raciocínio lógico como completar frases, notar diferenças, ordenar números, etc. (BARKLEY, 2008). Assim, acredita-se que ele consiga se expressar e se comunicar com os demais colegas.

Outro exemplo é a criação de um livro-jogo onde o jogador pode chegar a diversos desfechos dependendo de suas escolhas, um excelente exemplo de método de educação não tradicional que irá aumentar o interesse do aluno e melhorar o aprendizado (LIMA et al., 2019; MAIA, & CONFORTIN, 2015).

Entende-se que a hiperatividade gera impedimento no desenvolvimento social considerado adequado na vida da criança, e que através das atividades lúdicas utilizadas de modo pedagógico podem aumentar os fatores de socialização. O jogo é uma ferramenta criativa, atrativa e interativa que auxilia o professor a minimizar os problemas de desatenção e comportamento social de crianças hiperativas, o que melhora o aprendizado e o desenvolvimento da criança, pois justamente por meio dessa ação a criança repete experimentos e vivencia o exterior no mundo (BARROS, 2002).

Merece ser enfatizado a necessidade de trabalhar os conteúdos escolares por meio de jogos com regras e em conjunto orientações bem definidas para professores de TDAH porque sabem destacar sua importância respeitando o segundo turno, lidando com ansiedade e impulsividade (VIANA, 2013).

Segundo Barros (2002), em uma situação em que brincar exige muita atenção, concentração e paciência, o comportamento lúdico das crianças consideradas hiperativas fica indiscutivelmente ameaçado, pois a intensidade do brincar dessas crianças é menor do que a

de crianças "normais" difere como resultado, crianças com TDAH têm dificuldade em manter amizades, um brinquedo pode atuar como um facilitador de relacionamentos e ampliar seu círculo de amigos. O professor deve criar métodos de trabalho, espaços seguros, para que a criança com TDAH se sinta confortável em encontrar novas amizades, pois os amigos são importantes para o desenvolvimento dele e de todos os filhos.

A escola como instituição de ensino não pode simplesmente colocar os alunos com TDAH em sala de aula e fazê-los se adequar às regras estabelecidas. É imprescindível que as escolas encontrem formas de colocar efetivamente esses alunos na sala de aula regular, e os professores devem ser capacitados para modificar suas práticas pedagógicas para facilitar a aprendizagem desses alunos no processo escolar (PERRENOUD, 2000).

Em uma pesquisa realizada com professores sobre como eles entendem o que podem fazer para ajudar os alunos a desenvolver estratégias para seu desenvolvimento acadêmico, a maioria mencionou o atendimento individualizado, a identificação das particularidades de cada aluno e utilização de atividades de interesse do aluno e de metodologia diversificada (INÁCIO et al., 2017).

A formação em serviço de professores é uma medida importante, pois, com informações bem estruturadas, o professor pode promover um trabalho pedagógico adequado às dificuldades de uma criança com transtorno de déficit de atenção, levando em consideração as características específicas de cada criança. Entende-se, dessa forma, que o professor tem um grande papel nessa aprendizagem. Na maioria dos casos, os professores orientam os pais dos alunos na busca de um diagnóstico (GONÇALVES, 2006)

Uma criança com TDAH também pode ter dificuldades para se comunicar com outras crianças porque, por exemplo, não controla seus impulsos e hiperatividade, não respeita as regras do jogo ou não sabe esperar a vez de outra pessoa. Assim, o professor também deve atuar como mediador dessa relação, para que a criança não seja estigmatizada e não atrapalhe seu aprendizado, mas não a deixe fazer o que quiser, justificando suas ações com a perturbação que apresenta (BORELLA, 2002).

É necessário repensar os processos de ensino, tornando o planejamento do professor aberto e ponderado, a fim de alcançar a aprendizagem individual dos alunos. Para um professor com uma criança com TDAH em sua turma, é importante planejar sua aula de forma

estruturada que estimule interações de todo o grupo em sala de aula e use os recursos que focam a atenção dessa criança no que está sendo feito.

Benczik e Bromberg (2003, p. 209) ilustram a composição estrutural e composicional da classe:

- “1) Estabelecer uma rotina diária clara, com períodos de descanso definidos. Usar reforços visuais e auditivos para definir e manter essas regras e expectativas, como calendários, cartazes e músicas. As instruções devem ser dadas de forma direta, clara e curta.
- 2) Estabelecer consequências razoáveis e realistas para o não cumprimento de tarefas e das regras combinadas [...]
- 3) Focalizar mais o processo (compreensão de um conceito) que o produto (concluir 50 exercícios. Certificar-se que as atividades são estimuladoras e que os alunos compreendem a relevância da lição. 4) Adotar uma atitude positiva, como elogios e recompensas para comportamentos adequados.”

Devido ao comportamento hiperativo causado pelos sintomas do transtorno, as crianças com essa característica apresentam grandes dificuldades nos relacionamentos sociais, familiares e afetivos, pois no ambiente escolar, algumas atitudes dessa pessoa são reveladas nas salas de aula.

De acordo com Topczewski (1999), esses alunos apresentam dificuldades em manter a concentração e a atenção, o que acarreta problemas no processo de aprendizagem. Além disso, seus comportamentos inquietos atrapalham o andamento das aulas e afetam negativamente o relacionamento com os professores e os colegas. Suas brincadeiras inoportunas causam tumulto na sala de aula. Além disso, suas interferências inadequadas e fora de hora dificultam o trabalho em grupo, prejudicando o desempenho dos outros alunos. Como resultado, são excluídos pelos colegas tanto nas atividades em grupo quanto nas atividades recreativas durante os intervalos escolares.

O professor, que é responsável pela aprendizagem desta criança e das demais da turma, deve utilizar todos os recursos disponíveis até saber qual é o estilo de aprendizagem deste aluno. Além disso, deve estar atento aos estímulos do ambiente que acabam por disputar a atenção daquele aluno, para tomar precauções para reduzir as distrações na sala de aula (FREIRE, 2005).

Por exemplo, levar em consideração o local pode reduzir a ocorrência de erros e acidentes e melhorar a produtividade. Planejar e organizar o ambiente de sala de aula tem um

papel importante para facilitar o aprendizado e minimizar a presença de estímulos que possam disputar a atenção dos alunos. Portanto, é aconselhável não sobrecarregar a sala de aula com decorações que possam distrair. Se um estímulo for considerado benéfico em termos de controle da atenção ou da motivação, ele deve ser introduzido no ambiente no momento adequado. Caso contrário, perde-se toda a capacidade de contribuir efetivamente para a aprendizagem (BENCZIK, 2000).

Outro ponto importante a ser considerado é a dificuldade dessas crianças em manter a atenção, o que também é um desafio para o especialista educacional. Como já visto, as crianças com TDAH apresentam comportamentos característicos decorrentes dos sintomas desse transtorno (GONÇALVES, 2006).

Por exemplo, incomodam-se facilmente com o que veem da janela ou com o que acontece no corredor da escola, muitas vezes incomodam-se com pensamentos, não conseguem manter a atenção por muito tempo mesmo lendo as explicações dadas pelo professor ou atividades em sala de aula (ARTMED, 2014).

Além de enfatizar comportamentos impulsivos, onde interrompem as conversas de outras pessoas, não respeitam sua ordem de comunicação e, às vezes, dão respostas inadequadas em atividades e brincadeiras, incluindo atitudes impulsivas. Esses comportamentos são, em última análise, desconfortáveis. Essas atitudes acabarão por dificultar o desempenho dessa criança no aprendizado, portanto, ao lidar com essas pessoas, o educador deve utilizar práticas pedagógicas que permitam que essas crianças progridam em seu aprendizado (AMORIM 2010).

Uma estratégia eficaz é dispor as cadeiras de modo que os professores possam circular livremente pela sala e sejam acessíveis a todos os alunos. Alunos que se distraem facilmente são encorajados a serem colocados perto do professor para facilitar a supervisão e o apoio necessário sem parecer punitivo. Além disso, é importante que os alunos com TDAH coloquem as cadeiras longe de janelas e corredores para minimizar as distrações visuais e auditivas (RIZO E RANGÉ, 2003).

São atitudes simples que têm grande impacto na sala de aula e na vida daquela criança. Existem outras estratégias que os professores podem utilizar para diminuir as dificuldades desse aluno em particular, como uma rotina de aula definida e leitura para todos, e essa rotina deve ser lida para todos (GONÇALVES, 2002).

Outra ferramenta útil é fornecer um aluno modelo de atenção para crianças com TDAH. Isso visa incentivar um comportamento mais focado e evitar comparações diretas entre eles. Ao fazer isso, você pode criar um ambiente de apoio e encorajamento, em vez de criar situações que podem levar ao constrangimento e à frustração. Essas medidas podem contribuir para um ambiente de aprendizagem mais benéfico e melhores condições de concentração e desenvolvimento acadêmico para alunos com TDAH (RIZO E RANGÉ, 2003).

O professor deve tentar manter a sala de aula sempre arrumada, além de passar alguns minutos extras na aula para que esses alunos organizem seus portfólios. O trabalho em grupo, a comunicação com aberta com a criança e com os seus pares, de modo a fazer com que todos participem democraticamente, seguindo regras estabelecidas, são estratégias medidas pelo educador e que favorecem a aprendizagem de crianças com TDAH, bem como de seus colegas (IPDA, 2014).

A socialização dessas crianças é outra questão importante que deve ser abordada na escola. Esses sujeitos apresentam dificuldades de comunicação devido às suas atitudes decorrentes da desatenção, comportamento impulsivo e hiperativo. No contexto escolar, de acordo com Rizo e Rangé, (2003) algumas estratégias podem ser utilizadas como métodos para que essas crianças interajam com seus pares, como reforçar positivamente o comportamento adequado, promovendo segurança e motivação. Um exemplo é a definição de metas de comportamento social com a turma e a implementação de ~~implemente~~ um sistema de recompensa (sistema de pontos), incentivando a cooperação dos alunos para que concluem as tarefas de aprendizagem.

Mostrar apreço aos alunos, valorizar e agradecer, criar oportunidades de sucesso, identificar e reconhecer as melhores habilidades e talentos dos alunos, dar-lhes a oportunidade de demonstrar seus potenciais e permitir-lhes qye resolvam seys problemas, é importante a todos os alunos, em especial àqueles que têm TDAH. Por exemplo, se o aluno for um bom leitor, o professor pode solicitar que ele leia em voz alta na sala de aula (RIZO E RANGÉ, 2003).

Para a criança, atividades que ocorrem espontaneamente como jogos e brincadeiras, e trabalho de concentração e atenção, ajudam o paciente com TDAH a desenvolver suas habilidades e mudanças comportamentais além do lado social. Por isso, atividades conjuntas

que acontecem nesses ambientes onde há intensa comunicação entre os sujeitos, é essencial (BOSSA,2002).

O professor deve adaptar suas atividades às necessidades individuais de cada aluno e se esforçar para desenvolver as habilidades nas áreas em que eles possam ter mais sucesso. Isso ajuda a desenvolver um senso de competência e confiança e aumenta a motivação e o compromisso com o aprendizado, cria um ambiente que respeita as habilidades individuais e fornece suporte adequado pode promover o sucesso acadêmico e a saúde mental dos alunos com TDAH, contribuindo para seu desenvolvimento geral (RIZO E RANGÉ, 2003).

Quando os professores implementam essas atitudes, eles ajudam a melhorar a socialização do aluno na sala de aula. A utilização de tais medidas na sala de aula da escola exige que o professor tenha conhecimento do assunto, pois a desatenção difere da indiferença, assim como outros comportamentos, uma coisa é o comportamento momentâneo e outra é o comportamento persistente que exige mais atenção do professor (SENO, 2014).

Diferenciar essas características do comportamento da criança é extremamente importante porque, como já vimos, o primeiro passo para o sucesso na educação desse indivíduo é obter informações sobre o TDAH para que o professor evite fazer julgamentos errados sobre o comportamento da criança, seus alunos, o que muitas vezes é entendido como "má educação" e pode ter um efeito positivo no ensino dessa disciplina (BOSSA, 2002).

Em sua pesquisa, Barkley (2002) confirmou alguns relatos de mães que encontraram maneiras de gerenciar o comportamento impulsivo de seus filhos com TDAH na pré-escola, mas à medida que as crianças cresciam, os métodos não eram mais eficazes. Os pais de crianças com TDAH lutam para se matricular no jardim de infância ou pré-escola porque muitas instituições educacionais não têm suporte adequado para os alunos com o transtorno.

É importante que o educador, principalmente do ponto de vista da educação infantil, conheça os processos básicos das funções superiores, pois só assim poderá ser qualitativamente superior no desenvolvimento de seus alunos, em atividades pedagógicas conscientes, e cada vez mais humanizador (EIDT E FERRACIOLI, 2013, p.123).

Além disso, foi estabelecido que crianças com TDAH têm melhor controle de seu comportamento no início do ano letivo porque se interessam por coisas novas – salas de aula, professores e novos amigos – que capturam sua atenção. No entanto, à medida que o ano

avança, as crianças perdem gradualmente a motivação, perdem o interesse em aprender e seu autocontrole enfraquece (BOSSA,2002).

Bonadio e Mori (2013) enfatizam a importância das relações sociais e pistas no desenvolvimento da atenção voluntária, superando entendimentos fatalistas e naturalistas de controle atencional por substâncias químicas. A utilização de recursos externos cumpre um importante tarefa na gestão de atividades. O que estabelece a linguagem como diretora e diretora da atenção, transcendendo a natureza natural e orgânica das funções psicológicas superiores, como no caso da atenção.

Pode-se compreender acerca dos sintomas presentes no TDAH, mais precisamente na idade adulta, podem ser considerados mais graves e até mesmo mais frequente, tais sintomas podem estar correlacionados com as devidas responsabilidades da idade, tendo como base que eles enfrentam diariamente esses fatores (APA,2014).

De acordo com Barkley (2002), os sintomas primários do TDAH não mudam apenas à medida que a criança cresce, mas também devido aos desafios do ambiente físico e social. Quanto menos restritivo e autoritário for o ambiente e, portanto, mais acolhedor e inclusivo, melhor essas crianças serão capazes de controlar seu comportamento e impulsividade e, assim, desenvolver melhor seu potencial.

Nesse sentido, Leite e Tuleski (2011) também afirmam que os problemas de desatenção e comportamento hiperativo atualmente diagnosticados em crianças com TDAH estão relacionados à transferência social de comportamento e, portanto, a funções psicológicas superiores e que o são. desenvolvem-se como resultado de uma quebra formal e informal do comportamento da criança pelos pedagogos, e não como resultado de problemas orgânicos e individuais que os sujeitos carregam consigo em sua genética; porque na psicologia histórico-cultural, um indivíduo organiza seu comportamento com base no que lhe é transmitido em seu meio sociocultural, os comportamentos, hábitos e comportamentos adotados pela criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo entender a influência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no processo de aprendizagem infantil no ensino fundamental I. Para

isso, foi descrito nesse processo o conceito do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, sendo possível conhecer mais acerca do desenvolvimento histórico do conceito e como se dá seu diagnóstico.

Esse estudo contribuiu tanto para a academia quanto para a sociedade de forma significativa, apresentando de maneira clara e objetiva sobre o TDAH, apontando suas características e implicações com o indivíduo. Dentro dessas contribuições ficam claras as informações referentes aos professores e coordenadores que devem estar e serem preparados para que seja possível o oferecimento de suporte para esses alunos. De modo significativo as contribuições para a sociedade é uma possibilidade de aprimorar seus conceitos sobre tal temática, devido ao fato de que educacionalmente tal tema precisa ser compreendido da melhor forma.

Entende-se que há muito a ser feito na área de educação, tanto em relação às crianças com TDAH quanto ao entendimento deste transtorno pelos educadores e, conseqüentemente, à abordagem do ensino. A escola, a família e a criança são uma parte necessária do todo para alcançar melhores resultados de aprendizagem e desenvolvimento na vida dessas crianças, as práticas realizadas no ambiente escolar devem ser continuadas dentro da família para alcançar o desejado resultado.

Vemos a necessidade de um trabalho eficaz para educar todos os professores sobre o TDAH e o processo médico que transforma qualquer coisa abaixo do padrão em distúrbios e distúrbios.

É responsabilidade dos profissionais da educação começar a mudar essa realidade, pois segundo Collares e Moysés (2013), as oportunidades de mudança são formadas por meio do questionamento e da insatisfação. Os pais também precisam de orientação e isso falta nas escolas. Os poucos ouviram dos médicos em seu consultório, mas também falta orientação pedagógica.

Uma consideração cuidadosa exige que os professores avaliem seus métodos de ensino e entendam que esses alunos aprendem de uma maneira diferente de outras crianças que não têm o transtorno, mas podem se desenvolver ao longo do tempo

Ainda há muito a ser feito em relação ao TDAH. Em quase todas as aulas temos crianças diagnosticadas com esta doença e outros sintomas, mas nenhum trabalho efetivo é feito para melhorar seu desenvolvimento além do uso de medicamentos. Portanto, recomenda-

se mais pesquisas sobre os malefícios das crianças que usam drogas como a Ritalina e trabalhos alternativos com essas crianças para melhorar seu comportamento e aprendizado sem o uso de drogas.

Torna-se necessário apresentar a contribuição que o presente estudo pode fornecer para a comunidade acadêmica, a qual pode buscar novas análises e aberturas de conhecimento, diante desses fatores fica possível a utilização do presente como meio de ser utilizado em novas pesquisas.

Embora este estudo sobre TDAH e sua implicação na educação tenha trazido muitas contribuições, ele também apresenta algumas limitações. Sendo um estudo teórico, uma dessas limitações é a ausência de dados concretos para confirmar as hipóteses propostas. Uma maneira de resolver isso seria conduzir pesquisas empíricas para coletar informações e validar as hipóteses.

Outra limitação pode ser a generalização dos resultados, já que cada caso de TDAH é único e pode ter características distintas. Uma solução para isso seria realizar estudos de caso para compreender melhor as particularidades de cada indivíduo com TDAH.

Este estudo foi significativo para nós, pois nos possibilitou expandir nosso conhecimento sobre o TDAH e seu impacto na educação. Acreditamos que, ao compartilhar nossas descobertas, podemos ajudar a melhorar a qualidade da educação para alunos com TDAH. Como disse Albert Einstein: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDA. **O QUE É TDAH?**. Disponível em:< <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>>. Acesso em: 13. Out. 2022.

ABRAHÃO, A. L. B.; ELIAS, L. C. DOS S.. Students with ADHD: Social Skills, Behavioral Problems, Academic Performance, and Family Resources. **Psico-USF**, v. 26, n. 3, p. 545–557, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260312>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMORIM, C. **IPDA: Instituto Paulista de Déficit de Atenção**. 2010.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ. **Sancionada a Lei que cria o Dia e a Semana de conscientização sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)**. Diretoria de Comunicação com assessoria parlamentar, 2019. Disponível em: <https://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/sancionada-a-lei-que-cria-o-dia-e-a-semana-de-conscientizacao-sobre-o-transtorno-de>

BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade TDAH: guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARKLEY, R. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARROS, J. M. G. **Jogo infantil e hiperatividade**. Sprint, 2002.

BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica: características, avaliação, diagnóstico e tratamento: guia de orientação para profissionais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BONADIO, R. A. A.; MORIN, N.R. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Diagnóstico e Prática Pedagógica**. Maringá: Eduem, 2013.

BORELLA, C. A. S. **O que é hiperatividade? Sintomas e causas**. 2002.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Contribuições a Partir da Prática. Porto Alegre, Artes Médicas, 2002.

CAVALCANTE, R. S. C. **Colaboração entre pais e escola:** educação abrangente. Revista Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. Controle e medicalização da infância. Rio de Janeiro: **Revista Desidades**, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2456>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

CYPEL, S. **Déficit de Atenção e Hiperatividade e as Funções Executivas.** Atualização para pais, professores e profissionais da saúde. 3. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2007.

CRAFT, D. Distúrbios de Aprendizagens e Déficits de Atenção. In. WINNICK, J. **Educação Física e Esportes adaptados.** São Paulo A: Manole, 2004.

DE SOUZA, I. G. S. et al. Dificuldades no diagnóstico de TDAH em crianças. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 56, p. 14-18, 2007.

EIDT, N. M; FERRACIOLI, M. U. O Ensino Escolar e o Desenvolvimento da Atenção e da Vontade: superando a concepção organicista do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. **Quem tem medo de ensinar na educação infantil: em defesa do ato de ensinar.** 3º ed. p. 97-127, Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREITAS, J. S., et al. **TDAH:** Nível de Conhecimento e Intervenção em Escolas do Município de Floresta Azul, Bahia. p. 175-183, Itabuna: Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2010.

GOLDSTEIN, S. e GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade;** como desenvolver a capacidade da atenção da criança. São Paulo: Papirus, 1994.

GONÇALVES, M. D. de S. Comentários a respeito da palestra do professor Vitor Paro. In: **Revista da Conferência Extraordinária da APPSindicato**. Curitiba, 2007.

INÁCIO, F. F.; OLIVEIRA, K. L.; MARIANO, M. L. S. Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, p. 447–455, set. 2017.

IPDA, Instituto Paulista de Déficit de Atenção. **Diagnóstico do TDAH - Déficit de Atenção e Hiperatividade**: Como é feita a avaliação e diagnóstico diferencial dos sintomas e comorbidades. Disponível em: <https://dda-deficitdeatencao.com.br/>

LEGNANI, V. N.; ALMEIDA, S. F. C. de. **A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: uma discussão crítica**. Brasília: Universidade Católica de Brasília (UCB), 2008.

LEITE, H. A.; TULESKI, S. C.. Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 15, n. 1, p. 111–119, jan. 2011. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000100012>

LIMA, L.; SILVA, D.; FERREIRA, A., & ALVES, F. De Jogador a Desenvolvedor: A Criação de Jogos no Rompimento das Barreiras Educacionais Encontradas por Criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. *Olhar de Professor*. 22. 1-15, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.22.0021>.

LIMA, R. C. **Somos todos desatentos? O TDA/H e a construção de bioidentidades/** Rossano Cabral Lima. – Rio de Janeiro: Remule Dumará, 2005.

LOPES, M. G. **Jogos na Educação**: criar, fazer e jogar. 3a ed. São Paulo: 2001

MELO, V. M. C. **A Importância Do Lúdico Para Crianças Com Transtorno E Déficit De Atenção E Hiperatividade (TDAH) Na Educação Infantil.** Universidade de Brasília: Brasília, 2011.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da investigação às práticas**, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299369627_Desenho_Universal_para_a_Aprendizagem_Construindo_praticas_pedagogicas_inclusivas

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEL PRETTE, Z. A. P.; ROCHA, M. M. **Habilidades Sociais Educativas para mães de crianças com TDAH e a inclusão escolar.** Disponível em: <file:///C:/Users/Microsoft/Downloads/19723-34025-1-SM.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

PALMA, S. **Apreendendo a lidar com o TDAH.** 1. ed. São Paulo: All print Editora, 2013.

PROIS, Projeto Inclusão Sustentável. **TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - uma conversa com educadores.** P. 4-33, Brasil, 2021. <https://www.psicoedu.com.br/2016/11/historia-origem-do-tdah.html>>.

RAFALOVICH, A. (2002). **Framing the ADHD child:** History, discourse and everyday experience. Tese de Doutorado, Department of Anthropology & Sociology, University of British Columbia, Vancouver.

RIZO, L; Range, B. Crianças Desatentas, hiperativas e impulsivas: como lidar com essas crianças na escola?. In: Brandão e cols (org). **Sobre o Comportamento e Cognição: a história e os avanços, a seleção por consequências em ação.** 1 ed. Santo André: Esetec Editores Associados, 2003, v. 11, p. 422-432.

SANTOS, A. F. dos, et al. **O papel da escola e do professor no processo de aprendizagem em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)**. Disponível em:< file:///C:/Users/Microsoft/Downloads/143-325-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 Out. 2022

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: TDAH-desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Principium, 2014.

SILVA, I. P. D.; BATISTA, C. G.. Crianças agitadas/desatentas: modelos de explicação. **Proposições**, v. 31, p. e20170184, 2020.

SILVESTRE, A.; SILVA, B. K. M.; SILVA, F. S.; SANTOS, L. K. **A família e a escola na aprendizagem da criança com TDAH: a necessidade de uma parceria ativa e produtiva**. PEDAGOGIA EM AÇÃO, v. 7 n. 1, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11042>

TOPCZEWSKI, A. **Hiperatividade e DDA: como lidar?**. Casa do Psicólogo, 2011.

VIANA, N. P. O Lúdico em Benefício da Aprendizagem de Crianças com Transtorno De Déficit De Atenção (TDAH). In: **Seminário Internacional Inclusão em Educação – Universidade e Participação**, 3.; p. 751- 758, Rio de Janeiro: Editora Lapede, 2013.